

Língua árabe e Libras – o Cemoroc na Escola Pública

(notas sobre conferência do Cemoroc para alunos surdos e professores de Libras da EMEFM Vereador Antonio Sampaio, 23-10-17)

Aida R. Hanania¹

Resumo: Notas sobre conferência a respeito de possíveis convergências entre Língua Árabe e Libras, para alunos surdos e professores de Libras da rede municipal de São Paulo.

Palavras Chave: Língua Árabe. Libras. Educação. Surdos.

Abstract: Notes of a lecture on Arabic Language compared to Libras (Brazilian Sign Language). Lecture at a public school of São Paulo.

Keywords: Arabic language. Libras. education. Deafs.

O Cemoroc e a Escola Pública

Nota Prévia: Este artigo já estava pronto, quando tivemos a grata surpresa de que a ênfase que estamos dando neste momento no Cemoroc com a Educação Básica foi precisamente o tema da redação do ENEM (5-11-17), Exame Nacional do Ensino Médio de 2017: “Desafios para a formação educacional de surdos no Brasil”.

Como diretora acadêmica do Cemoroc, Centro de Estudos Medievais Oriente & Ocidente, orgulho-me de tantos eventos de pesquisa avançada que nosso Centro tem promovido. Por exemplo, em 2017, realizamos o “XVIII Seminário Internacional Cemoroc”, recolhido em livro pela *Libros Pórtico*, uma das mais prestigiosas editoras da Espanha. E no campo editorial são já 21 anos e 250 volumes de qualificadas revistas internacionais.

Mas há uma outra dimensão das atividades do Cemoroc não menos importante e ainda mais entranhável: seminários, cursos e conferências em constante diálogo com os professores da escola pública (Cf. <http://www2.fe.usp.br/%7Ecemoroc/page03.htm> e <http://www2.fe.usp.br/%7Ecemoroc/page07h.html>).

Nesse trabalho, destaca-se a parceria com a EMEFM Vereador Antonio Sampaio, uma das poucas escolas da Prefeitura Municipal de São Paulo que mantém também Ensino Médio.

Graças ao empenho de sua diretora, Profa. Graziela da Silva Dias, que não mede esforços para promover a qualidade do ensino público² e da incansável Profa. Dra. Chie Hirose (doutora e pós doutora Feusp e professora de alfabetização no “Vereador”), temos não só oferecido cursos para professores, mas dando-lhes **protagonismo** como autores em nossas revistas e em nossos Congressos: afinal eles é que são, mais do que ninguém, autênticos educadores.

Se considerarmos apenas a EMEFM Vereador Antonio Sampaio (abreviaremos por VAS), foram, desde 2013, cinco Seminários com professores, um

¹. Professora Titular DLO-FFLCHUSP. Fundadora do Curso de Pós Graduação em Língua, Literatura e Cultura Árabes da FFLCHUSP.

². A direção e os professores, temos constantemente constatado, são altamente dedicados e qualificados, apesar da precariedade das condições que são oferecidas pelo governo.

Encontro Pedagógico e diversas aulas sediadas nessa escola, sem contar a constante presença de seus docentes em diversos outros eventos de nosso Centro.

Cada vez mais, professores do Cemoroc, da mais alta estatura acadêmica vão ao diálogo direto com a escola pública.



Prof. Jean Lauand, titular da Feusp: aula para o 3º. ano do Fund. I (2015)



Conferencistas do dia 5-7-17 do XVIII Seminário Internacional Cemoroc: Professores Rui (UMESP), Graziela (VAS), Raimunda (VAS), Aida (USP), Jean (USP), Juscelino (VAS), Alexandre (UMESP).
Abaixo: Roberto (USP), René (VAS) e Chie (VAS)



Docentes do VAS no I Encontro Cemoroc Escola Pública - 2016
Juscelino, Mara, Lúcia, Jean, Raimunda, Deolinda, Maria Rosa e Chie

A seguir, gostaria de resumir uma impactante experiência que tive em recente aula no VAS, na qual nosso presidente, o Prof. Jean Lauand, e eu estivemos em enriquecedor diálogo com alunos surdos e professores de Libras – o VAS é uma importante escola de inclusão de surdos na Zona Norte de São Paulo.

Língua árabe e Libras: convergências?

A conferência foi proferida pelo Dr. Lauand e por mim, com tradução simultânea pela Profa. Renata F. S. Francisco e com um interlocutor principal, o Prof. Eduardo Pereira Rocha, ele mesmo surdo, também professor de Libras e formado em Letras. Além, é claro, das intervenções dos assistentes.

Era a primeira vez que os conferencistas tínhamos um tal público e logo nos demos conta de que os surdos têm sua própria língua, a língua de sinais, que *não* é a língua portuguesa em sinais, mas Libras.

Do mesmo modo, não foi de tanta utilidade o material impresso que distribuímos, na ilusão de que por escrito a comunicação seria normal: a língua deles é Libras!

Já quando começamos a falar das características da língua árabe, houve entusiasmo quando se deram conta de que o árabe não utiliza o verbo ser (/estar) como verbo de ligação e que basta dizer: “Eu professor” ou “eu nesta escola” em vez de “Eu sou professor” ou “eu estou nesta escola”. E, como usuários de Libras, perguntaram por que a língua portuguesa tem que ser tão complicada...

Do mesmo modo (mais uma convergência...), no sistema língua/pensamento árabe em vez dos longos e complicados discursos ocidentais, encontramos um rápido e cortante suceder de flashes, em frases nominais, provenientes de uma imaginação fulgurante com a irresistível força da imagem concreta.

Assim, uma cena, digamos, como a de abater um pássaro, seria, no limite, descrita por um ocidental nestes termos: “Estava um pássaro a voar no céu, quando eu o vi. Ora, ao vê-lo, interessei-me por ele e, portanto, dado que dispunha de uma atiradeira, muni-me de uma pedra, mirei-o, disparei a atiradeira a fim de atingi-lo; de fato atingi-o e, portanto, ele caiu, o que me possibilitou apanhá-lo com a mão”. Já o árabe, tende a apresentar essa mesma cena do modo como o faz Tom Jobim em “Águas de Março”, dizendo simplesmente: “Passarinho na mão, pedra de atiradeira”. Os enlaces lógicos ficam subentendidos por detrás da sucessão de imagens. E o mesmo ocorre, por exemplo, com este outro verso da mesma canção: “carro enguiçado, lama, lama” (em clave ocidental: “O carro enguiçou devido à avaria provocada por excesso de lama ..”).



Nossos alunos surdos. Entre professores Jean e Aida, Prof. Eduardo (professor surdo de Libras) e a seu lado Profa. Renata (de Libras)

Essa associação imediata é tanto mais forte quanto o árabe tende a evitar as abstrações e voltar-se para o concreto. Tipicamente falando, enquanto nós tendemos para o abstrato, o indeterminado e o substantivado, como em “A educação vem do berço”; o árabe expressa a mesma ideia com imagens concretas:

Pai dele (é) alho; mãe (é) cebola: como pode ele cheirar bem?

E enquanto nosso provérbio é: “Quem o feio ama, bonito lhe parece”, o árabe diz:

O macaco aos olhos de sua mãe (é) gazela.

Nada de abstratos “a educação”, “a conduta” etc. A palavra para conduta (boa ou má) é a mesma para aroma (*rihat*); para além da metáfora (“a coisa está cheirando mal em Brasília”), para o árabe, trata-se da mesma e única palavra.

A dificuldade de tradução para Libras, no caso, ficou por conta do adjetivo substantivado: “o feio” etc.

Outros aspectos da cultura árabe entraram em jogo³, renovando vivamente nosso olhar sobre algumas realidades, a partir do ponto de vista dos surdos: como fica o Alcorão para um surdo, se Al-Qur’an é precisamente a recitação, o canto da leitura...?

Por outro lado, a ênfase na escrita, a caligrafia como arte religiosa e arte árabe por excelência, causou forte impacto. Por exemplo, a fórmula principal do Islã, a *shahada*: *La illahi illa Allah* (não há outro deus, senão o único Deus) é portadora da incrível coincidência de que nela comparecem as poucas letras verticais do alfabeto árabe, como que convidando – a partir da própria leitura – a uma ascensão ao divino.



A verticalidade da *shahada*

Se, por vezes, se usa demagogicamente o estereótipo de que o professor aprende com os alunos, neste nosso caso, no diálogo com os surdos, certamente eles nos ensinaram e muito, de verdade, nessa riquíssima experiência.

Recebido para publicação em 29-10-17; aceito em 04-11-17

³. E acabaram por convocar um novo encontro no VAS, tematicamente dedicado a aspectos sociais do mundo árabe.

Espanha e Brasil: “*las vigencias*”

(notas de conferência do Cemoroc para professores e alunos de espanhol do Ensino Médio da EMEFM Vereador Antonio Sampaio, 13-11-17)

Jean Lauand⁴

Resumo: Notas de conferência sobre as *vigencias* em Espanha e no Brasil, para professores e alunos de língua espanhola do Ensino Médio da rede municipal de São Paulo. Preservou-se o tom coloquial da conferência.

Palavras Chave: Espanha. Brasil. Língua. Sociologia.

Abstract: Notes of a lecture on Spanish and Brazilian *vigencias* compared. Lecture at a public school of São Paulo.

Keywords: Spain. Brazil. Language. sociology.

“Temos no Brasil dois modos de colocar pronomes, enquanto o português só admite um — o ‘modo duro e imperativo’: *diga-me, faça-me, espera-me*. Sem desprezarmos o modo português, criamos um novo, inteiramente nosso, caracteristicamente brasileiro: *me diga, me faça, me espere*. Modo bom, doce, de pedido.”

Gilberto Freyre

Vigencias

Primeiramente, quero agradecer à Profa. Juliana Oliveira por este convite para conversarmos sobre a Espanha, o Brasil, nossas *vigências* e nossas línguas. Devo dizer, antes de mais nada, que a língua espanhola parece-me riquíssima, encantadora e de imenso valor, com recursos refinados (para a abordagem pessoal do humano; com o neutro, os pronominais etc.).

Claro que falar de “o brasileiro” e “o espanhol”, assim sem mais, seria uma *tontería*, uma generalização grosseira: nossos países comportam imensas diversidades, contrastes, contradições (precisamente nestes dias assistimos à reivindicação da independência da Catalunha, exigindo o reconhecimento de sua identidade própria)... e mesmo as regiões não admitem simplificações primárias.

Assim, iremos, na medida do possível, falar de “o espanhol” ou “o brasileiro”, entendidos como “tipos ideais” (que obviamente não devem ser confundidos com a realidade) e examinaremos esses tipos com as mil reservas que a metodologia do caso nos impõe. O mais adequado é partir daquilo que na filosofia de Ortega y Gasset e Julián Marías (1914-2005) se denomina *vigencias*. Já advertindo, desde logo, que devemos analisar as *vigencias* sem bairrismos, sem narcisismos, sem juízos de valor: trata-se simplesmente do modo como uma sociedade se organiza e, em muitos casos, o espanhol bem que poderia ajudar-nos a corrigir algumas de nossas mazelas.

⁴. Membro correspondente da Real Academia de Letras de Barcelona. Prof. Titular Sênior da FEUSP. Professor dos Programas de Pós Graduação em Educação e de Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo. jeanlaua@usp.br

Mas vamos às *vigencias*. Em 1998, tive o privilégio de assistir a uma conferência de Mariás em Madri, na qual esse grande pensador espanhol falava das *vigencias*, o que a sociedade *da por supuesto* e como que impõe a seus membros:

(...) Em alguns sentidos trata-se de uma pressão social difusa: é a pressão que exercem as *vigencias*, os usos sociais, que de certo modo configuram nossa vida e tiram-lhe a espontaneidade, tiram-lhe uma certa autonomia, ao mesmo tempo que a regulam e lhe propiciam facilidades. É evidente que a sociedade me dá já prontas muitas soluções para problemas, como por exemplo, o que se deve vestir. Para os homens, por exemplo, a escolha é muito limitada (alguém pode querer usar um paletó listrado, com botões na manga...; noutros casos, há mais margem de escolha... mas, enfim, há um padrão geral). Há, também, por exemplo, usos alimentícios, que são tão importantes: não inventamos o que vamos comer no café da manhã, cada país já tem o seu desjejum habitual, em cada sociedade existe um uso habitual que estabelece o que se come na refeição matinal.
(http://www.hottopos.com/videtur5/a_moralidade_coletiva.htm).

Para já, uma dessas surpresas de brasileiro diante de *vigencias* espanholas, a dos horários, relativamente tardios, eu a tive com o próprio Julián Mariás, em 1997. Ao chegar a Madri, telefonei para Don Julián para combinar o horário em que ele me receberia para uma entrevista. Ele me disse que eu poderia ir a seu apartamento, no dia seguinte, “*a la primera hora de la tarde*”. Felizmente, ocorreu-me perguntar qual era a primeira hora da tarde... “*¡Hombre! ¡A las cuatro! O a las cinco...*” Chegar na “primeira hora da tarde” brasileira teria sido uma gafe monumental: seria certamente antes do almoço e da *siesta* (Madri praticamente fechava para a *siesta*)... Suas conferências – Mariás era um conferencista incomparável – a que assistiam 300 ou 400 pessoas, iniciavam às 21:00h com um “*Buenas tardes*” e, naturalmente, o programa de muitos dos ouvintes era assistir à conferência e jantar depois...



Julián Mariás, o pensador espanhol mais lido em seu tempo

¡Hombre! A prosódia espanhola é – em relação à nossa – mais enfática e daí também a utilíssima pontuação da exclamação/interrogação também antes. Um dos

aspectos que mais chama a atenção do brasileiro é precisamente a relativa dureza das *vigencias* de comunicação em Espanha. Lá não prevalecem os meios tons, as formas adocicadas (como diria Gilberto Freyre), a onipresença dos diminutivos, dos eufemismos etc. que vigem entre nós.

Naturalmente, não cabem aqui, como já advertíamos, juízos de valor: se uma *vigencia* é melhor ou pior do que a outra. Se nossas *vigencias* verbais (violência real à parte...), para o bem e para o mal, propendem à suavidade, ao não contrariar o interlocutor, em Espanha, a comunicação parece mais direta. A interjeição *¡Hombre!* pode ser dirigida até a mulheres...! Suavidade brasileira, que infelizmente vai se perdendo, também ao sabor de radicalismos políticos maniqueístas e a disseminação do tom de ódio nas redes sociais.

Se um brasileiro diz a outro brasileiro “aparece lá em casa qualquer hora para almoçar”, o interlocutor entende que (assim, sem enfática insistência) não se trata de um verdadeiro convite, mas de mera cortesia verbal. Já um interlocutor espanhol pode responder, de agenda na mão: “e quando pode ser?”.

Se um brasileiro recebe um convite descabido – “- Faça questão que você vá na cerimônia de formatura de minha sobrinha neta na Educação Infantil” – ele não dirá “não” (em nossas *vigencias* não cabe o não), mas responderá: “- Com certeza!” ou qualquer outra forma afirmativa (mas que significam realmente um claro não). Em Espanha, as coisas são diretas, a avó coruja vai ouvir um sonoro: *¡No!* ou *¡Que no!*, talvez seguido de um palavrão-interjeição (muito mais autorizados pelas *vigencias* de lá) *¡Que no, jo&*#!*, ou *¡Que no, co&*!*

O brasileiro e os diminutivos

Um caso que chama especialmente a atenção é o dos diminutivos. Como escreve o clássico Sérgio Buarque de Holanda: “Nosso pendor acentuado para o emprego dos diminutivos. A terminação ‘inho’, aposta às palavras, serve para nos familiarizar mais com as pessoas ou os objetos e, ao mesmo tempo, para lhes dar relevo. É a maneira de fazê-los mais acessíveis aos sentidos e também de aproximá-los ao coração”.

Para ficarmos com alguns exemplos, fomos educados para atenuar tudo com diminutivos; assim, alguns dos enormes e sangrentos espetos do rodízio de carnes são diminutivos, como “maminha” e “fraldinha”; e muitos outros viram diminutivo ao serem oferecidos, “coraçãozinho” e “franguinho”, acompanhados talvez de uma “caipirinha”, que sempre dá uma animadinha para manter aquele papinho etc. Até nossos criminosos e contraventores são afetivamente designados por Carlinhos, Fernandinho, Marcinho etc.

Nosso abuso de diminutivos pode ser interpretado como uma tendência gay... Nossos jogadores de futebol quando chegam à Espanha devem abdicar do “inho”: Ronaldinho vira Ronaldo. “*¿Diminutivo? ¡Mejor no!*”. Aliás, *¡Mejor no!* e *¡Por favor!* podem ser formas acentuadas de dizer **não** (será que você é tão *tonto* que não percebe que é melhor não, por favor!). Como aquele ameaçador cartaz na parede de um prédio de Madri: “*No hacer pintadas ni pegar carteles - ¡POR FAVOR!*”. Nas recentes discussões sobre a independência da Catalunha, Mariano Rajoy acusava os catalanistas de quererem acabar com a legalidade, a constituição, o estado de direito “*todo en un único día, ¡por favor!* (aceitando implicitamente que a independência necessariamente virá *en su día...?!).* Naturalmente, ouviu a resposta que o que eles queriam era acabar com o “Estado de derechas”...

O diminutivo aparece em uma conhecida piada espanhola (o mexicano, como o brasileiro, é o tipo do usuário de diminutivos)

O mexicano entra no restaurante e pede:

- *Camarero, pues quiero um pollito con salsita de mayonesita y dos panecitos y agüita y ...*

- (O garçon puxa o revólver e diz:) *Un diminutivo más y le abraso. ¿Qué más quiere?*

- (o mexicano emudece)

- *¿Qué le pasa? ¿No va a seguir? Qué más quiere?? ¡¡Digame!!* [note-se o onipresente imperativo]

- (o mexicano continua emudecido)

- *¿¿Qué más quiere?? ¡¡Digame!! ¿¿Qué le pasa??*

- *Es que he perdido el "apeto"...*

Claro, que se dissesse: - *Es que he perdido el apetito...* (apetITO, poderia parecer diminutivo e ele tomaria um tiro).

A forma direta e os imperativos

Outro choque para o brasileiro em Espanha é o uso de imperativos na comunicação, muito mais frequentes do que em terras tupiniquins.

Uma vez, em um desses programas de extensão cultural da Letras da USP, o curso de cultura espanhola era oferecido na sala ao lado do da Cerimônia do Chá. Dois alunos do fundão estavam conversando. A professora não hesitou: *“Vosotros ¿qué? ¿Qué os creéis? ¡Marchaos! ¡Que aquí no es la Cerimonia esta del Té!”*.

Alguém imagina a rainha da Inglaterra mandando publicamente um presidente calar a boca? Pois *¿Por qué no te callas?* foi a célebre frase dita energicamente pelo rei Juan Carlos de Espanha ao presidente venezuelano Hugo Chávez durante a XVII Conferência Ibero-Americana, em Santiago do Chile, no final de 2007.



¿Por qué no te callas?

Note-se que parte da ofensa (ou do revide ante as insolências de Chávez...) é tratar de tu (...*te callas*), quando o mínimo dos mínimos seria *usted* (ainda mais que em Espanha todo homem é Don – como satiriza o antigo provérbio português: “dom de Espanha... não vale uma castanha”).

Se no Brasil (e ainda mais em Portugal) eu chego ao trabalho e encontro um colega que parece meio jururu, vou com mil rodeios, perguntando se está tudo bem, se aconteceu alguma coisa etc.; em Espanha pode-se ser mais direto: “*¡Tienes mala cara!*”. Aliás, ao cruzar a fronteira de Portugal para a Espanha, tem-se o choque das *vigencias*: a impressão é de que os portugueses falam baixo e um de cada vez; em Espanha, parece que todos gritam. Claro, isto no campo das impressões superficiais, pois os espanhóis têm requintes de refinamento no trato, de generosidade, de *caballerismo*. E sabem como ninguém unir o comer (/beber) ao socializar: não por acaso as *tapas* são um sinal da identidade espanhola: em torno às *tapas*, em local fixo ou itinerante, a conversa pode durar horas e horas.



Zona de tapeo em Soria



Em La Latina (Madri)

Um exemplo de como nossas formas verbais nem sempre são adequadas: os espanhóis sempre se chocam com nosso péssimo hábito de colocar o eu em primeiro lugar numa enumeração: “Eu e Fulano ganhamos um prêmio”, “Eu e Beltrano vamos fazer tal coisa”. Quando isto acontece, as mães repreendem o filho: “*¡el burro va por delante!*”.

O hábito é tão arraigado que torna incompreensível para nós a piada do Chaves:



Chaves: - Eu e o Quico estamos brincando de esconde-esconde...

Prof. Girafales: - Chaves, não é assim que se diz, mas: “O Quico e eu estamos brincando de esconde-esconde...”

Chaves: - O senhor também está brincando de esconder com o Quico?

Os noticiários da TV brasileira são campeões mundiais de salamaleques; antes de dar a notícia, é necessário dizer: “Boa noite, Renata; boa noite Bonner, boa noite a todos [que em breve pode virar “Boa noite a todas e a todos”]”, “Nosso jornal acaba aqui, boa noite a todos” e a outra jornalista “Uma ótima noite a todos”, “um bom final de tarde e um excelente fim de semana...”. Impensável na Espanha o amargo desentendimento (que viralizou na Internet) no Jornal da Globo entre William Waack e Cris Dias, esta reclamando ao vivo de que o colega não lhe deu “boa noite”... (<https://www.youtube.com/watch?v=xHwcGk-YSBQ>).

E o que não dizer quando se trata de um programa no qual a dureza é parte integrante, como “O aprendiz” ou o “Masterchef”. O Masterchef de Espanha faz o nosso Fogaça parecer a doce Profa. Helena da novela Carrossel.

Não é de estranhar que haja entre nós estereótipos antigos, como a famosa “Touradas de Madri” (Braguinha-Alberto Ribeiro), do carnaval de 1938 (no auge da Guerra Civil espanhola) e depois consagrada na Copa de 1950, quando o Maracanã lotado a entou no histórico 6 a 1 que o Brasil aplicou na seleção espanhola:

Eu fui às touradas em Madri
E quase não volto mais aqui
Pra ver Peri beijar Ceci.
Eu conheci uma espanhola
Natural da Catalunha;
Queria que eu tocasse castanhola
E pegasse touro à unha.
Caramba! Caracoles! Sou do samba,
Não me amoles.
Pro Brasil eu vou fugir!
Isto é conversa mole para boi dormir!

Também daquela época (pelo menos) é a piada do naufrago espanhol: “¿Hay gobierno en esta tierra? ¿Soy contra!”

Os choques culturais (*vigencias* T x F, em linguagem keirsejana) tornam-se mais agudos, quando se trata de posições de comando (em um quartel de cavalaria ou de *La Legión...*) ou mesmo no treinamento olímpico. O espanhol Jesús Morlán veio ao Brasil com a missão de ganhar medalhas para nossa canoagem (Isaquias Queiroz e Cia.) para as Olimpíadas de 2016 e não para ficar ouvindo “mimimis”. Ele declarou numa entrevista:

Eu lembro que, no primeiro dia, eles chegaram para mim e falaram:
“- Ah, a gente acha que...”
“- Eu não perguntei o que vocês acham! Quando eu quiser saber a sua resposta, eu vou fazer uma pergunta. Vocês vão fazer isto e aquilo. Por quê? Porque sim, porque eu estou falando e pronto!”
Eles sabem que eu quero o bem deles, mas que eu não sou amigo deles. E deixamos de ser aqueles brasileiros engraçados (“ah, olha que engraçadinho o Brasil”)... você deixa de ser engraçado, porque você passa a ser favorito na raia, você passa a pegar medalhas.



A bem da verdade, em outra entrevista Morlán reconhece, comovido, que acabou por considerar “esses safados” sua família: “Só no Brasil descobri o que era um beijo de atleta”. “Depois de maltratá-los por três anos, ganhei beijo de meus meninos!” (www1.folha.uol.com.br/esporte/2016/12/1845370-tecnico-de-isaquias-jes-us-morlan-luta-contracancer-enquanto-mira-2020.shtml).

Na forma negativa está o peremptório “*¡No me da la gana!*”, muito mais forte do que o nosso “Não estou a fim!”.

Os imperativos – que por vezes podem ser atenuados por infinitivo (em vez do normal numa família “*¡Calla y come, jo*&#!*”, um pai mais afetuoso pode dizer ao filho na mesa “*¡Callar y comer, por favor!*”). Por essas e por outras, aquela ilustre colega portuguesa da USP, que foi fazer doutorado na Espanha, confessou que nos três primeiros meses chorava constantemente, imaginando que todos estavam bravos com ela.

Os imperativos às vezes são repetidos para que o interlocutor saia da pasmeira e realize logo a ordem que lhe foi dada: “*¡Vete, vete!*”, “*¡anda, anda!*” etc. Certa vez ao alugar um carro no aeroporto de Madri, não resisti à tentação de aplicar uma velha piada ao funcionário da locadora. Ao ir preenchendo o formulário ele ia pedindo dados: endereço em Madri, seu passaporte etc. Ao final, disse: “*¡Me da su permiso de conducir?*” (sua carteira de habilitação). Entregando-lhe a chave que estava no balcão, respondi: “*¡Hombre, conduzca, conduzca!*”

Duas intraduzíveis da língua

Uma preciosidade da língua espanhola é a acumulação semântica do verbo enseñar.

Em espanhol, para referir-se a uma explicação clara, a uma metáfora acertada, diz-se: “*de modo gráfico*”, “*de modo muy gráfico*”: “o modo de falar, que expõe as coisas com a mesma clareza do desenho” (*Dicc. de la Real Academia*). O segredo de uma grande aula, de uma boa conferência, mais do que a erudição (ou em interação com ela...) é precisamente a oportuna presença do concreto: que o interlocutor possa “ver” o que está sendo exposto – e essa “imagem” (verbal) vale mais do que mil palavras (não “gráficas”).

Não é por acaso que a sabedoria da língua espanhola identifica “mostrar” e “ensinar” em uma só palavra *enseñar*: só quem mostra o concreto, ensina. Daí aquela piada, intraduzível:

- *Pues el otro día vi un anuncio en el periodico que decia "profesora nativa enseña el bulgaro". Pues mira, fui, y jò, resulta que es un idioma!*

Outra especialidade do espanhol, que quero destacar para encerrar esta nossa conversa é a maravilhosa palavra *ilusión*. Ao contrário da nossa (e de outras línguas...) “ilusão”, a *ilusión*, como genialmente mostrou Marías em seu “*Breve tratado de la ilusión*”, pode ser também usada em sentido positivo: além da alegria e do entusiasmo, acrescenta o caráter projetivo, *futurizo*, de um ideal a ser alcançado, não uma ilusão-miragem, mas algo que pode vir a ser (e que, se não ocorrer, acabará em “des-ilusão”) e é alimentado precisamente pela *ilusión*. Quando Maradona era técnico da Argentina e tinha que enfrentar o favorito Brasil, nas eliminatórias da Copa de 2010, declarou antes do jogo: “*Argentina le gana a Brasil en ilusión*” (www.marca.com/2009/08/31/futbol/mundial_2010/1251695771.html). Nenhum telejornal brasileiro chegou a entender e traduzir adequadamente o que ele quis dizer. Felizmente, neste caso a *ilusión* de los hermanos era ilusão mesmo e acabou em desilusão.

Mas, especialmente para vocês jovens, a *ilusión* é o grande motor da existência, a imaginação que projeta e constrói o futuro e faz com que os sonhos se tornem realidade. E se não dispomos dessa palavra em nossa língua, sim, podemos integrar a atitude por ela expressa em nossas vidas.

Muchas gracias.

Recebido para publicação em 19-10-17; aceito em 10-11-17